

TERMORIO 2009

Assembléia decisiva

Na última rodada de negociação, a empresa avançou em sua proposta, mas cabe agora à categoria, em Assembléia, definir os próximos passos da Campanha Salarial.

A proposta da empresa é a seguinte:

Correção salarial - 5,53% (IPCA).

Gratificação contingente - 100% de uma remuneração.

Adicional de tempo de serviço – 1% a cada ano trabalhado, com carência de três anos.

PCCS - avanço de nível retroativo à 01/01/2009.

Auxílio ensino – tabela reajustada em 8,46% e aumento de 5% no percentual de reembolso.

Serviço extraordinário para o revezamento de turno – 100% para qualquer dobra.

Auxílio doença – avanço nos percentuais de auxílio doença e doenças profissionais ou acidentes no trabalho.

Viagem a serviço – 100% finais de semana e 50% dias úteis.

Auxílio alimentação – R\$ 5,28.

Overlapping dos operadores – 15 min.

Deve-se destacar que o grande ganho desta proposta é o adicional por tempo de serviço,

mas todos os itens devem ser analisados dentro da expectativa da categoria.

A direção do Sintergia agradece a participação dos trabalhadores na Campanha Salarial, principalmente aos integrantes da Comissão



de Trabalhadores que tem acompanhado as discussões do ACT.

Mas é fundamental que todos participem da Assembléia que vai analisar a contraproposta da empresa e definir se aceita ou se daremos novos rumos à Campanha Salarial.

Você decide!

ASSEMBLÉIA

Dia 4 de junho, quinta-feira, às 13h30min
Na sede da empresa

Intensificação do trabalho tem provocado doenças “coletivas”

Evento realizado pela Fundação Jorge Duprat Figueiredo de Segurança e Medicina do Trabalho (Fundacentro) abordou as principais causas da intensificação do trabalho e suas consequências para os trabalhadores

São Paulo (SP) - Cobranças que se aproximam do assédio moral, metas extremamente puxadas, ritmo acelerado e pagamento por produção. Essas são algumas das práticas que vêm sendo utilizadas pelos empregadores brasileiros apresentadas durante o seminário “O processo de intensificação do trabalho sob diferentes olhares”, realizado nesta quarta-feira (27), pela Fundação Jorge Duprat Figueiredo de Segurança e Medicina do Trabalho (Fundacentro), órgão vinculado ao Ministério do Trabalho e Emprego (MTE).

A intensificação do trabalho traz consequências para a saúde dos empregados: estudos apontam que novas doenças estão sendo desenvolvidas no trabalho. Não se tratam de doenças individuais, ou seja, sua origem, destacam especialistas no tema, se encontra na organização do trabalho. “Em muitas ocupações, a organização é muito parecida. Há sempre o controle do tempo e a cobrança por maior produção com menor custo. Elementos da organização industrial são utilizados também no setor de serviços”, aponta Selma Venco, socióloga da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).

O tema da intensificação do trabalho não é muito debatido, principalmente entre as empresas. “Elas não querem evidenciar o assunto”, aponta Leda Leal Ferreira, ergonomista da Fundacentro. A pesquisadora lembra que, para o movimento sindical, o assunto não é prioridade diante das duas principais bandeiras das entidades: aumento de salários e manutenção dos empregos.

“Ainda não temos definido como medir a intensidade do trabalho. O caminho talvez seja mensurar a carga de trabalho, o esforço necessário para executá-lo, a fadiga do empregado”, sugere Leda. A pesquisadora afirma que a melhor forma de caracterizar o trabalho intenso é analisar o trabalho e ouvir os empregados. A ergonomista vem escutando trabalhadores há mais de 30 anos. Ela garante: eles estão trabalhando mais do que antes.

Causas e consequências

Durante o seminário foram apontadas causas da intensificação do trabalho, como a política de redução do número de funcionários, ritmos acelerados da produção, redução da jornada de trabalho mantendo a mesma

produção, múltiplas funções e trabalho por produtividade. “O patrão cobra uma intensidade maior para o empregado dar conta da produção”, diz Leda.

“A conjuntura social ou a vulnerabilidade fazem com que os trabalhadores aceitem qualquer trabalho”, conclui Selma, socióloga da Unicamp. “Em nome da crise, algumas empresas aproveitaram para demitir, intensificar o trabalho, pressionar os empregados para produzir mais”.

As empresas têm cobrado uma produção cada vez maior dos empregados com menor custo. Em muitos casos, o número de trabalhadores é inferior ao que a atividade necessita para ser executada. O sentimento de estar sempre apressado é recorrente entre os trabalhadores, continua Selma. “Trabalhar sob urgência é por si só uma péssima condição de trabalho”. Outra forma utilizada pelo empregador para intensificar o trabalho é a sobreposição de tarefas, ou seja, a imposição de diferentes tarefas ao mesmo tempo.

A socióloga conferiu as condições de trabalho de atendentes de telemarketing e constatou situações extremas de intensificação. O coordenador de equipe de uma das empresas pesquisadas chegava a bater nos atendentes com uma vara, cobrando que a meta fosse atingida. Em muitos casos, o uso do banheiro é controlado. “É preciso pedir autorização do chefe para ir ao toalete. O grau de humilhação é muito alto”.

O individualismo também é estimulado pelos coordenadores em diversas profissões pesquisadas. “Quando um sujeito não se sente parte do coletivo, ele não é capaz de exigir seus direitos e dignidade dentro do ambiente de trabalho”, lembra a socióloga Selma, da Unicamp.

Pesquisadores apontaram os principais problemas entre os reflexos na saúde: síndrome do pânico, depressão, problemas músculo-esqueléticos e cardiovasculares. “Há casos extremos de suicídios de engenheiros e empresários, além de mortes de cortadores de cana-de-açúcar”, lembra José Marçal Jackson filho, ergonomista da Fundacentro.